

NOITE DE CONSOADA

Pouco passava das dez horas da noite e na caserna do 1o pelotão já se bebera até chegar como o dedo. O Fernandes sacou do realejo e largou a tocar modinhas do Minho. Todos se puseram a dançar, os dorsos nús cheios de reflexos acobreados.

- Puxa pela garganta, Fernandes. Mostra a esta malta quem são os nortenhos - gritou o Pacaça. Levou uma cerveja à boca e a maçã-de-adão começou a subir e a descer no pescoço de touro.

- Cinco segundos, hem! Quem é capaz de fazer este tempo? Alguém tem peneiras? - desafiou ao redor, de olhos envinagrados.

Mas ninguém lhe ligou. Dançava-se e bebia-se por entre guinchos ululantes. O odor dos corpos suados misturava-se com o cheiro azedo da cerveja entornada. O Pacaça agarrou outra cerveja e recomeçou a sua corrida contra o tempo: um.. . dois. . . três... quatro segundos.

Ufano, os olhos negros incendiados, desafiava a malta.

- Hei-de chegar aos três segundos ainda esta noite - taramelava, numa dança de ébrio.

O Barão começou a cantar:

«Estou farto deles»

E o pelotão acompanhou-o em coro:

«Da chicalhada,

Esses pançudos,

Que não fazem nada».

Américo segurou Mendes por um pulso.

- Quero-te mostrar uma coisa - ciciou-lhe ao ouvido.

Nos olhos já lhe bailavam meia dúzia de Sagres.

- Anda daí.

A malta continuava a cantar:

«Vai prá mata

Ó meu malandro.

Por tua causa

É qu'eu aqui ando».

Mendes, acabou de beber a cerveja e deixou-se conduzir. Américo tirou a mala de debaixo da cama e abriu-a.

- Olha! Tá lindo, não tá?

Mendes segurou a fotografia. O rosto traquinas do filho do Américo fê-lo engolir em seco.

- Tá lindo, não tá? - insistia a voz cheia de lágrimas do Américo.

«Abre a cantina,

Ó cantineiro,

Anda co'a malta

Caga no Primeiro».

- Quando penso que hoje é noite de consoada! - - soluçava o Américo.

O Fernandes estava fantástico nessa noite, quase fazia o realejo falar. Os corpos contorciam-se, alucinados, ululantes. O Barão saltou para cima duma cama:

- Meus senhores, vamos beber em honra da malta que está nos postos de sentinela esta noite.

Foi então que uma ideia genial chispou naquele mar de álcool.

- E se lhes fossemos levar uma pinga? - juntou uma voz.

Como por magia uma garrafa de bagaço nasceu das mãos do Pacaça.

- Em frente, marche! - comandou o Barão.

À aproximação daquele mar proceloso, as sentinelas gritavam, alarmadas:

- Quem vem lá?

- É o pai Natal que te trás um presente - respondia-lhe o pelotão.

E sem tempo para uma resposta, a garrafa de bagaço começava a gorgolejar garganta abaixo dos felizes contemplados.